ANO 3.º LISBOA--QUARTA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 1923 N.º 617

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

SEGUNDO o art. 7 do decreto de 30 de Setembro de 1914, só á Camara Municipal é conferida a prerogativa de construir arruamentos e pateos, de Lisboa.

Colocou-se assim a iniciativa particular numa situação de dependencia e favor que tem arredado muitos capitais e arrefecido muitos entusiasmos, empenhados em fazer de Lisboa uma cidade em que a crise de habitações não assumisse a gravidade que manifesta noutros paises.

Parece que a promulgação desta medida para obstar a desmandos nas construções em que o proprio Estado se salientava, visto pouco se preocupar com as posturas e regulamentos municipais, reguladores da materia.

As circunstancias actuais, muitissimo diferentes das de 1914, exigem que seja revogado o artigo 7 do decreto de 30 de Setembro de 1914, concedendo aos particulares a liberdade de arruar e construir, desde que se sugeitem aos diplomas camararios em vigor.

A questão encontra-se um pouco mais ou menos nestes termos, actualmente: os particulares não construem porque isso é uma prerogativa da Camara, esta mantem-se de braços caidos por não ter recursos financeiros.

Escusamos de referir-nos ao pleito existente, entre a Sociedade Comercial e Financeira Limitada, que se arrasta ha três longos anos, mas cuja decisão está para breve, porque a Camara não se acha privada do direito de conceder, a quem muito bem quizer, o direito de abrir ruas.

Desde que as suas precarias finanças a impedem disso, porque não consente ela que outros lhe tomem o logar?

No momento em que as rendas de casas são carissimas e as habitações modestas escasseiam, a ponto de se alugarem a familias pobres os buracos mais imundos, era natural que a Camara empregasse todos os esforços, afim de activar a industria de construções, acrescendo que assim ela contribuiria ainda de maneira eficaz para aumentar os rendimentos e atenuar a crise de trabalho, na construção civil.

Porque o não tem feito?

Agora que se encontra á frente do Municipio um grupo de criaturas dispostas a trabalhar, em beneficio da cidade, esperamos que, a tal respeito, adopte providencias imediatas, ao mesmo tempo que pedimos ao Parlamento que revogue o estupido artigo 7 do decreto de 30 de setembro de 1914.

* * *

O SERVIÇO de licenças de porte de arma está sendo feito, segundo nos informam, de maneira a, nem prestigiar as autoridades que nele interveem, nem produzir sob o ponto de vista da segurança publica, os resultados que visa.

Passaram-se licenças para todas as armas—indicadas previamente a qualidade e a marca de cada uma—os detentores dessas armas pagaram o que se lhes exigiu; e agora, sem mais cerimonias, a policia deu em invalidar todas as licenças, apreendendo as armas a torto e a direito. Parece que se visam apenas as pistolas.

Mas porque não se proibe, então, o seu uso, visto tratar-se de armas de combate e se consente o uso de revólveres, de qualquer calibre que só podem servir para defeza?

Ao menos, evitava-se a incoerencia de se andar a proibir ámanhã o que hoje se consentiu com a garantia das autoridades que não devem sujeitar-se a desprestigios.

CRIANÇAS

Reputamos este problema um dos mais serios de toda a gravissima crise portuguesa: o problema da criança.

Se houver uma pessoa de espirito simples que atribua todos os males do nosso país ao despreso que se tem pelas crianças—essa pessoa corre o risco de dizer uma verdade.

A crise de educação nas crianças é notoria: educação moral, educação civica, educação instrutiva. Quando chegam a homens, passado o periodo do crescimento, os portugueses vão já maleducados.

«Desce cada vez mais o nivel intelectual e civico dos alunos»—dizia-nos ha dias o professor de uma Faculdade de Lisboa.

E a crise da criança a reflectir-se nas escolas superiores—que é onde os homens começam.

Se nos voltarmos para o aspecto fisico e higienico deste problema, a surpresa liga-se á indignação, e cresce em nós a tristesa.

Em Lisboa, principalmente, como nas cidades grandes, a criança é uma vitima. Definha. Não ha uma criança sadia aí pelas ruas. Nos meios seleccionados não ha uma percentagem consoladora de crianças saudaveis.

O Estado pouco faz; os cidadãos por si, mercê de uma indiferença ou apatia lamentaveis, descuidam o tratamento dos proprios filhos.

As mães, nunca insuficientemente carinhosas, não sabem tratar da higiene dos filhos. Julgam que lavá-los e dar-lhes de comer é tudo.

Nas crianças que andam pela rua—vadios como os gatos!— e ha milhares e milhares de crianças ao leu aí, pela cidade fora, a miseria fisica arrepia.

As estatisticas dos cemiterios apavoram. A percentagem normal dos mortos até os 10 anos, está hoje a ser substituida, passando para a classe dos 10 aos 18.

A's crianças em Lisboa—ou não se lhes dá o suficiente ou dá-se-lhes tudo a comer. Os alimentos já estão falsificados. Não se ignora que Lisboa consome tudo o que de ordinario e de inferior a provincia exporta para a capital. As crianças, assim, vitimas de todas as mixordias e todos os descuidos, não garantem nada, nada mesmo, o futuro da Raça.

Ainda por outro lado, a insuficiencia da higiene nas escolas primarias, a crise de habitação citadina contribuem para o definhamento da criança portuguesa.

Quando se chama a atenção do governo para esta crise tremenda, não se lhe faz um apelo que corresponda a uma observação comum e gratuita.

As raças não caem pelos erros dos homens e pelos excessos dos vicios. Caem principalmente, e afogam-se na sua influencia, pela insuficiencia fisica dos seus filhos.

Os portugueses de hoje, os que a Patria exporta para a colonização ou para as missões de varia natureza, no estrangeiro, são em regra exemplares que não afirmam uma vitalidade fisica, nem garantem uma obra moral.

E o mal atinge já a provincia, como uma epidemia.

Eis o que se nos afigura digno da consideração de todos os homens superiores ou governantes deste país.—*X.*

A ARITMETICA E O ESTOMAGO

PARA A MODISTA:—Não traga a conta, porque meu marido ainda não fez a digestão do almôço...

COMO o jornal *A Noticia*, do Rio de Janeiro houvesse noticiado que o governo brasileiro se opunha á emissão do emprestimo português no Brasil, pelo que isso podia ir afectar o cambio, provocando uma oscilação e uma desvalorisação cambial grave, o diario *A Patria* daquela cidade publicou a seguinte nota:

«Tanto quanto pudemos apurar (e é sempre dificil aclarar assuntos melindrosos como este), a nota que acima transcrevemos estabelece certa confusão sobre a ordem cronologica dos acontecimentos.

Segundo as nossas informações, e que não podem, como se compreende, ter nenhum caracter oficial ou oficioso, o governo português teria consultado, ai pelas alturas de janeiro, o nosso governo, sobre a oportunidade de Portugal destinar á colonia portuguesa domiciliado no Brasil uma parte do emprestimo de alguns milhões de libras que tencionava lançar entre os cidadãos daquela nacionalidade.

A questão teria sido posta com toda a franquesa e lealdade, qualidades de que egualmente se teria revestido a resposta do governo do Brasil. Seguindo sempre as informações que ontem a respeito obtivemos, o nosso governo solicitou o adiamento para março ou abril do inicio das negociações sobre a operação, visto como se arreceiava de que a drenagem de ouro para o estrangeiro, naquela altura do ano, viesse perturbar a nossa divisa cambial, tão oscilante nos ultimos tempos e que havia necessidade inadiavel de, ao contrario, elevar e estabilizar.

O governo português, informado da situação, teria, então, conversado sobre o assunto com banqueiros de Lisboa e Porto, os quais assumiram o compromisso de tomar, firme, o emprestimo interno a lançar.

A auctorosição para esse emprestimo foi aprovada ante-ontem pelo Parlamento Português, e, muito embora estejamos em março, epoca pedida para o adiamento referido, são realmente de extranhar os termos da nota de *A Noticia*, a que nos reportamos.

* * *

DEU-SE uma vaga de contador substituto na comarca de Barcelos. Aberto concurso para o seu provimento, o conselho superior judiciario escolheu, entre os requerentes, os tres contadores mais antigos, devolvendo o processo em 4 de abril á direcção geral do Ministerio da Justiça.

Até hoje, porém, o despacho ainda não foi assinado. Como se trata de uma disposição legal, quere-nos parecer que o ilustre titular da pasta da Justiça não hesitará em cumprir a lei.

Porque nos consta que a politica se meteu no caso e pretende obter do sr. dr. Abranches Ferrão nada menos que uma ilegalidade.

* * *

JOÃO Peralta, um moço pintor, de visão romantica e grande doçura na sua maneira—e que a morte levou ha um ano—tem o seu nome e a sua arte numa exposição que a sua viuva inaugura ámanhã na Sociedade Propaganda de Portugal.

Crê-se pelo merecimento das lindas telas em relação aos preços que aqueles deliciosos trabalhos desapareçam em poucos dias. E' de supôr que o Museu adquira algum trabalho se for a tempo.

* * *

A REVISTA mensal ilustrada — *Angola*, que iniciou a sua publicação em Loanda, sob a direcção de João Mimoso Moreira e Roberto Fonseca, recomenda-se pela selecção dos seus colaboradores, a abundancia e nitidez das gravuras, ao mesmo tempo que se inspira num espirito de tolerancia que a leva a apreciar com justiça todos os esforços que se votam ao engrandecimento da provincia.

Tauromaquia

Corrida em Santarem

Realizou-se no domingo 8, na praça de touros de Santarem, a primeira corrida formal da época, em beneficio do hospital de Jesus Cristo, daquela cidade.

Forneceu o acreditado lavrador, sr. Emilio Infante da Camara, um curro de oito animais, que saíram na rua quasi totalidade bravos e com nobreza, sendo apresentadas algumas estampas de verdadeira raça espanhola, ouvindo o «ganadero» muitas palmas.

Apesar da boa materia prima, não podemos classificar a corrida de boa, contribuindo para isso, alguns artistas, pela forma como bregaram os touros.

Simão da Veiga Junior era o cavaleiro da tarde a quem couberam o 1.º, 3.º e 5.º da manada.

Estea rtista não brilhou tanto, como o temos visto outras vezes. Se bem que, aparentemente sereno, vimo-lo meter-se em terrenos que lhe não pertencem, o que lhe pode ser bastante prejudicial, e de que lhe resultou a colhida que sofreu, felizmente sem consequencias, no 1.º touro que lhe coube. Teve ferros bem apontados, é verdade, mas com os touros que teve gostariamos de vêr alguma coisa mais.

Coube o 2.º a Teodoro e Luciano. A lide deste touro, podia ter sido muito melhor, se a brega tivesse sido feita deligentemente, mas isso infelizmente raras vezes acontece, podendo apontar-se os artistas que saibam manejar um capote como deve ser. Teodoro e Luciano fizeram o que puderam colocando cada um dois pares a quarteio.

Saíu o 4.º embolado á espanhola para o apreciado amador João Malhou. No 1.º tercio Malhou não agradou com o capote, embora abrindo-o bem, nunca se parou, dançou muito resultando o seu trabalho sem luzimento. No 2.º tercio, Malhou convidou o amador Mario Lopes que assistia á corrida, para que bandarilhasse, ao que este acedeu. Ainda neste tercio o trabalho de Malhou não satisfez. Os dois pares de bandarilhas a cambio que colocou, foram marcados fóra de tempo, e os braços sairam-lhe muito estendidos, ficando desegualadas as bandarilhas. Um pouco mais de «serenidad» e aplaudilo-hemos como sempre que o merece o fazemos. Maria Lopes, além duma saída falsa bem marcada, teve dois pares bons a quarteio. Malhou no 3.º tercio, manejou com acerto, o trapo encarnado, desenhando passes com a direita e esquerda que entusiasmaram.

Coube o 6.º aos irmãos Gonçalves. Rafael colocou três pares aplaudidos, especialmente o ultimo, e Francisco Gonçalves, embora tivesse colocado três meios pares, não perdeu merecimente o seu trabalho, preparou, entrou e pinchou como manda a arte. Rafael deu ainda uns capotazos aceitaveis.

Saíu o 7.º para dois bandarilheiros de alternativa E' lamentavel ao que assistimos. Estes artistas se isso se lhes deve chamar, sofreram, por culpa sua, a desconsideração de ver um espectador, a quem foi concedida licença para bandarilhar, colocar três pares muito aceitaveis e aplaudidos. Dois aproveitando o resalto e um á meia volta. Porque não aproveitaram como Americo Jorge, — assim se chama o aficionado de Santarem — a oportunidade do resalto e a meia volta? Não toureiem só pelo interesse, toureiem tambem por «aficion», e só assim conseguirão levantar o bom nome da tauromaquia portuguesa e da sua classe.

O ultimo foi bandarilhado por Luciano. O touro que fechou a corrida era um «muchacho» muito sabido, defendendo-se tanto quanto lhe era possivel do castigo. Luciano fez a gaiola e colocou mais dois pares. O seu trabalho não nos agradou, mas manda a verdade que se diga que não era touro que se podesse tourear.

Teodoro ao saltar as taboas foi colhido sem consequencias, o mesmo acontecendo a um campino ao recolher um touro. Pegas pelos profissionais, duas, uma de cara e outra de volta, aceitaveis. A direcção a cargo do amador da velha guarda João Marcelino de Azevedo, acertada.

El Rodriguito

A primeira no Campo Pequeno

Efectua-se no proximo domingo a primeira tourada da epoca, que, pela fórma como está sendo organisada, deve despertar nos aficionados grande interesse.

Lidam-se touros do sr. Emilio Infante da Camara por um bem escolhido grupo de toureiros, entre os quais se destacam os muito apreciados amadores srs. D. Carlos de Mascarenhas e D. Pedro de Bragança (Lafões), que são dois primorosos bandarilheiros, e o cavaleiro amador sr. Vasco Fontalva. Do pessoal profissional fazem parte os cavaleiros Ricardo Teixeira e Simão da Veiga, e os bandarilheiros Jorge Cadete, Alfredo dos Santos, Agostinho Coelho, Antonio de Carvalho e Jeronimo Plas «Flôres», um lidador espanhol que ha anos reside entre nós, acentuando de epoca para epoca grandes meritos e que, recentemente, na «tournée» ao Brasil, se impôs pela valentia e habilidade.

Manuel dos Santos, o antigo e excelente bandarilheiro, que será o director da corrida, terá ainda, sob as suas ordens, oito destemidos pegadores, entre os quais Chico Marujo, que será o cabo, Matias Leiteiro e Antonio Pilé.

A tourada é organisada por um grupo de aficionados.

Dr. José Bonito

Clinica Geral e PARTOS

Consultas ás 17 horas na R. de S. Paulo, 26, 1.º

Telefene 2227 C.

Residencia R. Ferreira Forges, 129, 1.º

Telefone N. 1983

MAQUINAS DE ESCREVER

NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.º (Junto ao Rocio).

O DIA 7 DE ABRIL

O "Diario de Lisboa"

e o seu segundo aniversario

O QUE DISSE A IMPRENSA DE LISBOA

Toda a imprensa se referiu, nos mais amaveis termos, ao Diario de Lisboa, *a proposito do seu segundo aniversario, salientando a maneira elegante e original do seu jornalismo.*

Com os nossos melhores agradecimentos, transcrevemos a seguir o que sobre o assunto escreveram os varios jornais de Lisboa:

Seculo:

Imprensa

Comemorou ontem o seu 2.º aniversario o nosso colega vespertino *Diario de Lisboa.*

Felicitamo-lo desejando-lhe longas prosperidades.

Diario de Noticias:

Imprensa

O nosso prezado colega *Diario de Lisboa* acaba de celebrar o seu segundo aniversario.

Dirigimos-lhe os nossos cumprimentos e, em especial ao seu ilustre director o sr. dr. Joaquim Manso.

Epoca:

«Diario de Lisboa»

Tambem foi ontem o aniversario do nosso estimado colega *Diario de Lisboa.*

Jornar moderno, que marcou algo de inovação na imprensa portuguesa, pela originalidade e audacia moça com que se apresentou, o *Diario de Lisboa* continua a ser dos mais interessantes jornais portugueses.

Cumprimentamos o seu director sr. dr. Joaquim Manso e o seu redactor principal sr. Alvaro de Andrade, na pessoa de quem cumprimentamos igualmente todos os colegas e nossos prezados amigos que no *Diario de Lisboa* trabalham.

Patria:

Pela imprensa

Completou ontem dois anos o *Diario de Lisboa,* interessante jornal da tarde, de que é director o nosso presado amigo e distinto jornalista sr. dr. Joaquim Manso.

Em comemoração desse facto publicou 16 paginas e á noite, sob a presidencia do seu director, reuniram no Tavares em jantar intimo os representantes de todas as secções, trocando-se ao *toast* afectuosos brindes.

O Mundo:

«Diario de Lisboa»

Entra hoje no seu terceiro ano de existencia o nosso distinto colega *Diario de Lisboa,* que por esse motivo publicará um numero especial de dezasseis paginas com variada e brilhante colaboração. As nossas felicitações ao *Diario de Lisboa* e, em especial, ao seu director, sr. dr. Joaquim Manso.

Batalha:

O «Diario de Lisboa»

Em jornalismo, estabeleceu-se um criterio mediante o qual entre os jornais e o publico apenas havia, resalvadas algumas raras individualidades, uma prosa incolor e impessoal, que era lida, tranquilamente, ao triturar da torrada e ao sorvo matinal do café com leite.

O *Diario de Lisboa* rompeu esse criterio quando ele parecia enraizado, definitivamente, nos costumes anacrónicos, pavorosamente anacrónicos, duma esmagadora maioria de periodicos. Por isso o *Diario de Lisboa* dá aos seus leitores aquilo que honestamente e inteligentemente os seus redactores lhes podem dar. Aproveitamos o seu aniversario para saudar nele o principio de que um jornal só ganha, em vez de perder, ao ser redigido e assinado por jornalistas em vez de fantasmas, como acontecia em tempos que não vão distantes e cuja triste recordação ainda deixa pégadas nalguns jornais.

O Dia:

«Diario de Lisboa»

Passa hoje e é festivamente celebrado pelo nosso presado colega *Diario de Lisboa,* o seu 2.º aniversario.

Jornal moderno, scintilante, dirigido com inteligente criterio, escrito com leveza e sob uma fórma literaria que o torna interessante, o *Diario de Lisboa* ocupou depressa na imprensa um logar de destaque.

O *Dia* dirige-lhe hoje, com os desejos de que se mantenha a excelente camaradagem de que tem usado, os mais sinceros votos pelas suas prosperidades.

Correio da Manhã:

«Diario de Lisboa»

O nosso colega *Diario de Lisboa,* que é não só literaria como moralmente um dos mais distintos orgãos da imprensa portuguesa, entrou no 2.º ano da sua publicação. O *Diario de Lisboa,* que deu á estampa um belo numero de 16 paginas, festejou aquela data com um bodo a numerosos pobres. A' noite o seu pessoal dos varios quadros reuniu-se num banquete de confraternização.

O *Correio da Manhã* felicita sinceramente o sr. dr. Joaquim Manso, brilhante espirito de escritor e jornalista, que dirige o *Diario de Lisboa,* e todos os seus camaradas daquela casa, desejando ao presado colega as maiores prosperidades.

Imprensa Nova:

Imprensa

Comemorou ontem o 2.º aniversario da sua fundação o nosso presado colega *Diario de Lisboa,* tendo os redactores deste jornal inaugurado na sala de redacção o retrato do seu director, sr. dr. Joaquim Manso.

Jornal do Comercio:

Passou ontem o aniversario do *Diario de Lisboa,* ilustrado colega da tarde, que, em comemoração do facto, publicou um interessante numero de 16 paginas, com larga e variada colaboração.

Os nossos cumprimentos.

COMPRA E VENDA DE TITULOS

Nacionais e Estrangeiros

Execuções de ordens de Bolsa

Cobrança de juros e devidendos

PANCADA, MORAES & C.ª

RUA AUGUSTA, 37 (esquina da R. de S. Julião)

Telefones do "Diario de Lisboa" Redacção--C. 3194 / Administração--C. 3195

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Viscondessa de Almeida, D. Maria José Barbosa Gorjão Henriques, D. Gilda Jardim de Freitas Brandão de Melo, D. Berta Mauperrin de Castelbranco, D. Gerty Wolff Ferrão de Castelo Branco, D. Maria Tereza Valejo Soares Mendes e D. Ester Armanda Ramos Monte Combro de Valsassina.

E os srs.:

Conde de Calheiros, visconde de Sacavem, dr. Francisco Meyrelles Leite Pereira de Abreu e Sousa, dr. Antonio Teles da Sylva (Tarouca), Carlos Ferreira dos Santos Silva, Carlos de Seixas Palma, Vasco Ripamonti de Oliveira, Jorge Croner e dr. Victor Lugy.

A caridade

No S. Luís

A noite de ontem, neste elegante teatro, excedeu tudo quanto a nossa espectativa poderia imaginar. A linda sala de espectaculos, completamente cheia, dava-nos a impressão de um jardim coberto das mais mimosas flôres e as variegadas côres das elegantissimas «toilettes» das senhoras punham um contraste flagrante no tom negro das casacas.

Representou-se a engraçada comedia, original do saudoso escritor Gervásio Lobato, «Sua Excelencia», peça do antigo repertorio do falecido actor Vale, em que a graça esvoaça, não só pelas suas situações, como tambem pelos seus ditos e «qui-pro-quos»; embora hoje, já não usados em teatros, esses moldes são sempre bem recebidos pelo publico.

O seu desempenho, a cargo de distintos amadores, entre os quais se contavam alguns que de ha muito são considerados verdadeiros actores, no que ocupa o primeiro logar o sr. Luis da Gama, que, nesse novo trabalho, teve mais uma vez ocasião de evidenciar os seus meritos artisticos, dando ao personagem do «Conselheiro Paulo» todo o relevo que a rubrica requeria, não descurando o minimo detalhe.

Temos depois a senhora condessa de Santar, que, em papel inferior aos seus meritos, deu á «D. Ermezinda» uma interpretação superior.

Nessa peça vimos, pela primeira vez, em papeis de «caracteristicas», as senhoras D. Maria Adelaide Luz da Gama Sepulveda e D. Berta Moutinho Machado da Cruz, que se saíram brilhantemente, fazendo sobresair o seu trabalho de correcção inexcedivel, estas duas senhoras, que em outros generos de papeis nos tinham mostrado as suas aptidões para o teatro, alcançaram ontem mais um triunfo.

Temos ainda na parte feminina, em papeis de destaque, duas revelações, as senhoras D. Maria Helena Teles de Castro Lopes e miss Mabel Potter, que pela primeira vez se apresentaram em publico, que nos deram «duas ingenuas» magnificas, sublinhando com verdadeira intuição e, finalmente, as senhoras D. Maria do Carmo da Camara de Noronha (Paraty) e D. Ana Maria da Cunha Meneses Pinto Cardoso, que em duas gentis «sobrettes» concorreram para o harmonico conjunto.

Na parte masculina, em seguida ao sr. Luis da Gama, temos o sr. dr. Antonio da Camara Horta e Costa, que o publico já conhecia em outros trabalhos, que no «Raimundo Croca» foi simplesmente impecavel, tendo algumas passagens superiores.

Segue-se o sr. João Carlos de Atayde Tavares que, segundo ouvimos, vai em breve dedicar-se ao teatro profissional, embora não seja esse o seu genero deu á personagem «Cesar de Mascarenhas», o «galan» da peça, uma interpretação que nos satisfez.

Ainda na parte masculina, em papeis de menos relêvo, temos a salientar os srs. Jaime Chaves de Carvalho, Vasco do Quental e Ruy Cisneiros Machado da Cruz, que se saíram brilhantemente.

Em uma pequena rábula é digno de nota o sr. José Amado, que soube imprimir-lhe uma personalidade.

Os restantes interpretes srs. José Pinto, D. José Correia de Sampaio (Castelo Novo), Mario Duarte, Luis de Noronha e Costa (S. Miguel) e Sebastião de Carvalho Daun e Lorena (Oeiras), concorreram com as suas posses para o harmonico conjunto.

A enscenação do actor Augusto Machado, boa.

Nos finais dos actos o publico selecto aplaudiu, com verdadeiro entusiasmo todos os interpretes, bem como as senhoras da comissão: condessa de Scisal, duqueza de Palmela, D. Maria Ana de Lancastre Ferrão de Castelo Branco, D. Maria Augusta de Sampaio Trigueiros, D. Maria de Lancastre Van-Zeler e D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, mas em especial esta ultima á quem, em grande parte, se deve a encantadora e inolvidavel noite de ontem.

Na assistencia, que era numerosissima, via-se tudo que de melhor conta a nossa aristocracia, cuja nota não damos devido á falta de espaço com que luta o nosso jornal.—**D. Nuno.**

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dá amanhã «rendez-vous» de tarde nas «matinées» do Salão Foz, Chiado Terrasse e Cinema Condes e á noite no São Luiz em 2.ª recita da companhia da grande actriz Vera Sergine e no Eden recitas da moda com a revista «Chá e Torradas».

BEBAM O VINHO DE MEZA "CARTAXAS"

NUCLEOCALCINA

TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO

Superior aos similares estrangeiros e nacionais

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros medicos

CURA A

Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite

Farmacia Formosinho

Praça dos Restauradores — 18

LIVROS NOVOS

"CARTAS DO CAMPO E DA CIDADE"

DE LUZIA

Trascreve-se a carta datada de 27 de dezembro

Cartas do campo e da cidade, assim se intitula o novo livro de Luzia, pseudonimo discreto, sob o qual se oculta um nome gentil. A autora do *Rindo e chorando*, marcou já duma forma brilhante o seu lugar, entre as nossas escritoras.

Possuidora dum estilo elegante, harmonioso, flexivel, entretecido de conceitos, onde não falta um humano sentido da vida, Luzia sabe condensar nas maravilhosas paginas das suas *Cartas*, ao lado do mais alto pensamento moral, o encanto romantico, a observação discreta, luminosos toques de descrição.

Cartas do campo e da cidade, que já fizeram um autentico sucesso de livraria, estão destinadas a ser, reflectindo, como refletem a alma feminina já dolorida de pequeninos nadas, já transparente de sorrisos, mas tudo com superior pureza e emoção, aquele livro que se deve colocar entre a *Imitação de Cristo* e as laudas duma Biblia, num quarto de rapariga.

Lisboa — 27 de Dezembro

Foi triste o dia de Natal, cortado de bruscos aguaceiros. Em toda a cidade as bandeiras continuaram a meio pau e o povo lá seguiu para Belem, para os Jeronymos, na habitual peregrinação... E' enternecedora e linda, consola... de resto, a saudade do povo. Emquanto os politicos intrigam, desenvolvem todas as suas manhas estreitinhas, emquanto os parlapatões fazem discursos á porta da Havaneza e da Marques, os humildes, os pobres, os que verdadeiramente amaram Sidonio Paes, vão chorar junto dele.

Entre flôres, sob as magestosas arcadas, o Presidente repousa, emfim. Desfez-se como um sonho este ano de justiça e de gloria e de nobres ambições... Nas tardes luminosas jámais veremos passar o cortejo triunfal: entre o seu luzidio estado maior, a figura esbelta de Sidonio, aclamado por um povo em delirio...

Tudo como dantes. E eu aposto que no fundo os politicos estão satisfeitissimos, porque voltaram á vidinha que lhes agrada... Caluniar, intrigar, fazer comicios. Os jornais já andam numa bulha de senhoras visinhas. O *** despediu-se do partido. O *** ataca os monarquicos. O *** faz insinuações e o *** conta, muito em segredo, aos intimos, que o *** nunca foi de confiança... muito inteligente. Oh! inteligentissimo! mas é bom não se fiar nele...

Cavalheiros apopleticos, com o coco caído para a nuca, exclamam:—Isto não pode continuar assim!

Meninos imberbes, gesticulam, berrando:—Eu não admito...

E ha os misteriosos, os que estão no segredo, os que sabem tudo, e, em voz baixa, com olhares desconfiados para a direita e para a esquerda, anunciam:—O golpe de Estado para ámanhã, a morte de Magalhães Lima...

Policias circulam, importantes, magestosos. Ouvem-se vozes esganiçadas de garotos, apregoando: — O retrato do sr. dr. Sidonio Pais, a três tostões para acabar...

Passam regimentos, ao som de marchas funebres. Pergunta-se avidamente: — Aqueles são pelo governo ou pela junta? São monarquicos ou republicanos?—Dantes eram todos por Ele... E eu tenho a amarga, a dolorosa sensação que de nada serviu o sangue que o justo derramou por nós.

São tristes para mim todas as festas, mas parece-me que nunca, em dia de Natal, arrastei um tão fundo desalento.

Saí cedo para a missa. Depois fui ver a pobre Clementina, tão velhinha, tão sumida, alheia a todas as revoluções, vivendo só da lembrança do seu querido José, da saudade resignada, calma, quasi doce, que é como a continuação da sua calma ventura. Está muito doente, dizem, porêm nunca se queixa, mal fala de si e eu penso que ela ha-de morrer como viveu, fina e discreta, sem fazer barulho, com medo de incomodar...

Lembrei-me depois que era o dia da recepção da minha amiga Margarida, e que, sempre inteligente, pitoresca, inedita, ela conseguiria talvez distrair o meu negro coração.

Fui encontra-la na sua linda sala verde *reseda*, decotada, os braços nús, com um vestido bordado a vidrilhos, esguio, de longa cauda, que mais fazia resaltar a sua ondeante, serpentina elegancia. Vestido de baile em plena tarde! — Mas uma pessoa tem de pôr luto, não achas? E é este o meu unico trapo preto.

As jarras transbordavam de cravos. Margarida acordara essa manhã entre cravos. Todos os seus amigos, esquecidos de que ela só ama as rosas — unicas flores inteligentes, pensantes — a tinham enchido de cravos.

Por ser dia de Natal, talvez, dia consagrado á familia, estava pouco concorrida a recepção. Apenas dois ou três intimos: Rui, Alberto, a espirituosa condessa de I. e Heliodoro, aquele pobre homem que com um ar tão infeliz e espavorido, recebe, executa as ordens da nossa caprichosa amiga e tão humilde, convicto, abaixa a cabeça, de cada vez que, peremptoriamente, no seu tom que não admite replicas, Margarida lhe declara: —Heliodoro, você não passa dum idiota...

Discutia-se, ou antes, elogiava-se ardentemente a ultima cronica de Clarinha sobre o enterro de Sidonio, pagina mais bela que traçou a pena de ouro, honra e gloria do «Nacional». Mas a condessa, bocejando, achava que já se tinha repisado de mais assunto tão tetrico. Ela, decididamente, tinha a sua conta de enterros e de heroes. Estava morta por que passassem mais umas semanas... — Quando pensam vocês que se poderá dansar?

Margarida não sabia. Parecia-lhe que nunca mais sairiam desta atmosfera lugubre. Ela, pelo menos, só tinha ideias tristes, gostos tristes... E lembrou a Marcha funebre á memoria dum heroi, que servira de thema á cronica de Clarinha. — Dera-lhe para adorar essa sublime marcha!

—Heliodoro, abra o piano... Mas, veja lá, afaste a colcha com cuidado, não vá entornar-se a agua das jarras...

Heliodoro precipitou-se para o piano.

Eu exclamei: — Explendida ideia, Margarida. Toca-nos um bocadinho de Beethoven Beethoven faz bem á alma.

Os primeiros acordes da marcha á memoria dum grande heroe, vibraram graves, sob as mãos finas de Margarida, mas a condessa suplicou:—Pelo amor de Deus, filha, acaba com essa maçada triste... Toca antes um fadinho...

E...—oh! miseria!—á triunfal musica de Beethoven sucedeu o fado canalha.

Cerraram-se languidos os olhos da condessa. Em surdina, felizmente, a sua voz cantou: —Oh! Ai! Oh! linda!

—Já agora, Margarida o tango, pediu Alberto.

Mas Margarida, declarou, muito séria que o tango era demais. Podia ouvir-se na rua... Ela não queria historias...

Dulce entrou, grande, branca, marmorea e, logo depois, como seguindo o rasto duma estrela, Luís...

Serviu-se o chá. Acenderam-se os candieiros que espalharam na sala uma doce luz rosada. Dulce anunciou, negligentemente que estava para breve a volta do sr. D. Manuel. Houve uma exclamação de incredualidade e surpresa. Mas logo Margarida, muito grave, confirmou a sensacional noticia...

—Sim, era verdade... Sabia-o ela melhor que ninguem, porque entrava na conspiração...

—Tu conspiras?

—Conspiro, para fazer alguma coisa, emquanto não parto para a minha grande viagem.

—Vais viajar?

—Durante muitos anos. Os necessarios para esquecer esta pasmaceira.

Porêm ainda não estava bem decidido o itinerario. Ou partia com o Rui...

—Comigo?!—preguntou Rui pasmado.

—Perfeitamente, consigo, para a China, onde nos vestiremos de chineses e você usará arabicho que lhe ha de ficar tão bem! A não ser que eu opte por um longo *séjour* no deserto, a sós com um camelo e com Heliodoro...

Todos riram. Todos desataram a dizer extravagancias.

A minha tristesa cresceu mais pesada, mais densa. Despedi-me. Margarida acompanhou-me até á porta, atirou-me ao pescoço os seus braços—os mais lindos de Lisboa—murmurou num queixume de criança:

—Volta. Vem mais vezes. Sou tão tua amiga!

Tão minha amiga?! E' verdade? Não é? *chi lo sa?* Talvez que nem ela...

Nacional Tel. N.º 3049
HOJE ás 21
O espectaculo mais alegre de Lisboa
A Visinha do Lado
Sabado, 14 e Domingo, 15 — Dois unicos espectaculos — AMOR DE PERDIÇÃO

TEATRO SÃO LUIZ
EMPRESA A. RAMOS, LIMITADA
HOJE — 1.ª recita de assignatura — HOJE
da Companhia Francesa da grande actriz
VERA SERGINE
e da qual faz parte o notavel actor
Pierre Renoir
com a peça em 4 actos de Henry Bataille
LE SCANDALE
Ámanhã 2.ª recita de assinatura LE VOLEUR

POLITEAMA
EMPREZA LUÍS PEREIRA Tel. 3028 N. COMP. REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE **Azas Quebradas**
com Amelia Rey Colaço
ÁMANHA — **O OUTRO EU**
— COMPANHIA FRANCESA —
CONTINUA ABERTA a assinatura para as 6 recitas da «Companhia da Comédia Francesa» de que fazem parte os grandes artistas CÉCILE SOREL e ALBERT LAMBERT e o antigo societario RAVET.
6 recitas escolhidas de entre o seguinte repertorio: Le Misanthrope, La Megère apprivoisée, L'Aventurière, La dame aux camelias, Le Demi-monde, La nuit d'octobre, Le duel, L'abbé Constantin e La Princesse d'Amour.
N. B. — Têm preferencia os srs. assinantes da Companhia Signoret até depois de ámanhã. Na sexta-feira principia a assinatura livre.

EDEN-TEATRO
2 Espectaculos 2 A's 8 1/2 e 10 1/2
HOJE
Recita dedicada aos festejados escritores CARVALHO BARBOSA e ARNALDO LEITE autores da revista
CHÁ E TORRADAS
ÁMANHÃ—Festa dedicada ao aplaudido actor Carlos Leal — NOVIDADES E SURPRESAS só para esta noite
AVISO — Não tendo o festejado feito passagem, os bilhetes encontram-se á venda desde hoje na bilheteira do teatro.

Companhia Aura Abranches
TEATRO AVENIDA
A comedia de maior éxito dos ULTIMOS TEMPOS
A mulher do juiz
Graça constante Rir sem cessar
Extraordinario trabalho de ADELINA e AURA ABRANCHES
A seguir: A MARQUESINHA, original do dr. Sousa Costa.

Teatro de S. Carlos
Telef. C. 5063 HOJE — A linda peça:
A CHAMA
Flora cançonetista: PALMIRA BASTOS
Victor: CARLOS SANTOS
Outros papeis de relevo por Emilia d'Oliveira, Amelia Bastos, Henrique d'Albuquerque e Samwel Diniz.
Fauteuils, 6$00; Frisas e camarotes, 25$00 e 15$00. Bilhetes á venda, durante o dia, *e sem aumento de preços*

"VASPAEL"
GRANDE LICOR DE SOBREMEZA
DEPOSITO GERAL
70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
TELEF. C. 1196

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74. RUA DO CARMO. 74

APOLO TELEF. 4129 N.
50 representação, sempre com encantes e enorme entusiasmo
Os Fidalgos da Casa Mourisca
com Eduardo Brazão e José Ricardo, Maria Matos e Ilda Stichini
Continua a venda de bilhetes para toda a semana
ÁMANHÃ: Recita da moda

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Os periquitos

Numa grande gaiola, a fingir de sertão ou de jardim de floresta, onde um tronco de pinheiro, restos de uma arvore do Natal fazia de maravilhoso arbusto selvagem — tinha eu quatro periquitos.

Os quatro periquitos, dividiam-se em dois casais. Dormia cada casal a cada canto, eram felicissimos, e—amavam-se os quatro. O seu verde plumoso e a sua inocencia, enterneciam os meus olhos. Gostava daquela graça.

Ora uma vez, um menino travesso abriu a porta. Uma das aves, tomada de curiosidade saiu, e logo o seu par, cheio de receio da curiosidade do outro, saiu tambem.

Lá em baixo, num quintal, entre rosas e folhas de videira — quem havia de dizer!— ao sol, dormindo, dormindo com um olho aberto, estava um gato.

Pobre casal! Lá vão morrer agora de saudade os outros dois periquitos. «Estas aves — disseram-me — são como as pessoas. A saudade entra nelas, elas definham e morrem».

Mas para o casal que ficou, como disse Camões, «bastava amor sómente». E afogaram em ternura, naquela floresta de dois metros, a sua saudade pelos companheiros que se foram e não voltaram.

A sua voz não emudeceu. Logo de manhã eu ouvia-os nas suas expansões, que tanto podiam ser de lembrança pelo passado como de alegria pelo presente — que os deixou mais á vontade.

Mas noutro dia houve um grande temporal. Cortava o frio, como as unhas de um gato. Um deles, dos periquitos, apareceu doente. Tremia. Passou da sua arvore ao carinho de um seio quente. Dois dias. Mas —morreu. Estou a vê-lo; ia entre folhas de rosa, um laço rosa no pescoço e os olhos abertos, recitavam versos do sertão. Foi enterrado no mesmo sitio onde os companheiros serviram de festim ao gato sonolento e oportuno. Três cruzes.

Nunca mais vi a gaiola. Para quê? A melancolia do periquito sobrevivente, apavorava-me. Era uma familia arrazada. Nas pupilas pequeninas daquela ave triste, em cujos antepassados devia haver ainda aves de rapina, o que eu distinguia no bico e nas garras minusculas, naquelas pupilas seria, humida como num amante, a saudade viva, a apressar-lhe a morte.

Ora sucedeu que ontem fui colher um malmequer, num vaso que fica ao pé daquela floresta encantada. E o periquito estava radiante. Cantava como um galo, como uma cotovia, como um periquito feliz. O comedoiro estava arrazado. Almoçara triunfantemente. Talvez tivesse almoçado a saudade.

E desfolhando o malmequer que fui colher, eu cheguei realmente a esta conclusão: «Já não se morre de amor».

Norberto de Araujo

Peçam em toda a parte o vinho
"CARTAXAS"

Provem os bifes
GRANDE ESPECIALIDADE
LEITARIA CHIC
Praça dos Restauradores, 20

AS "GRANDES" DA SCENA

Vera Sergine em Lisboa

As paginas da sua emoção e da sua arte

em entrevista

Como a viu o "Diario de Lisboa"

Vera Sergine é um cartaz sugestivo de *boulevard*.

Com vermelho, uma pincelada fina nos labios finos; uma boca de sede que tivesse enxugado o amor em mil bocas; um olhar negro, latino, ardente, como se uma gota de essencia andasse a boiar nas pupilas; o nariz, leve e breve, que mal chega a vincar; uma mascara picante de *midinette*, *canaille* mesmo, que ficaria bem entre a boina vermelha dum apache e a *silhouette* enlaçada dum par de *cabaret*.

Tem um certo modo doce de inclinar a cabeça, de altear a garganta, de desvendar o

Vera Sergine

peito magro, excessivamente magro, sem uma perola, a toda a vista do nosso olhar. Fala á vontade e fuma mais á vontade ainda. Não pede cigarros... Por vezes toca-se de melancolia, e então, ao vê-la, di-la-hieis escrita em Murger do mais puro; da raça do povo, sofrendo e amando em languidos enternecimentos, humildes e ingenuos.

— Eu gosto de todas as peças — disse, entre o fumo do cigarro. — Sofro por todas elas.

— Amando-as!

— Como irmãs! Por isso não sei escolher..

Á roda dos seus olhos profundos e emotivos, as palpebras cançadas, falhadas de cilios, enegreceram. Levou a mão do cigarro, até ao peito, esfrangalhou-o bem para que vissemos o seu coração mutilado por tantas dôres.

— O meu teatro, é o teatro da paixão. Da paixão maior que o amor, maior do que a vida... Da paixão que estrangula e não deixa morrer, senão para se tornar mais forte... Sinto assim.

Encheu-se toda de fumo — o seu unico perfume, a sua atmosfera. Tinha sido sincera.

— A quem dá a sua admiração? — fiz eu.

— Oh! a Guitry.

— Logo, depois...

— Rejane.

E relembrou-a, com grandes sacudidelas, atirando para trás a cabeça, bebendo brutalmente a vida.

— Rejane, representava com a alma e com o coração. Duas chamas em que ela morreu de tanto amar, já transfigurada...

E acrescentou:

— Sabe? morreu do coração!

O seu chapelito simples cheio de verde, verde que se repetia falso nos brincos baratos de vidro em duas gotas, acentuava mais aquela cabeça de mulher perturbante, venenosa e cruel, com o requinte do amor em tudo: no olhar, nas palavras, naquela grande sombra dos olhos guardada numa hora de amor, recente ainda, talvez.

Brincando com o fumo:

— Eu tenho um grande medo do publico.

— De todo?

— De todo. Quando entro em scena, ao pronunciar a primeira palavra, desfaleço — e o seu olhar desfalece u.

— Mas não será assim... Talvez hoje, a primeira noite, com um publico desconhecido... Mas amanhã já nos conhecemos.

— Oh! Não, engana-se! Tenho seis peças, tenho que morrer seis vezes ao entrar em scena.

Insisti:

— A peça com que abre as suas recitas, é-lhe naturalmente a mais querida, não?

Vera Sergine, acentuou uma hesitação. Ao de leve, como quem se lembra, talvez para concordar:

— Amo *Scandale* e *Le voleur*...

— Foi com elas que triunfou em Paris?...

— A que me lançou foi *Le grand soir*. Peça forte, feita aos pedaços, aos gritos, aos arrepios de sofrimento, suspiros, miserias, emfim, a Russia do *avant guerre*...

Uma frase sobre a Sarah, a quem amou Rejane.

— Admiravel, sim. Mas a mocidade não a conheceu na sua beleza.

E falou-me muito, mas muito na ultima peça que Lisboa vai vêr, *Le feu qui reprend*. Intensa, psicologica, apaixonada, Sergine inteira, sim, como ela, como ela pensa, como êla sente.

— Ah! A divina paixão.

— Já viajou muito?

— Pouco, muito pouco. Fui á America.

Agora na volta, Espanha e Argelia.

Tinha arremessado o cigarro fóra. A sua mão tomou logo outro, e, na ponta dos labios finos, beijando longamente o tabaco, pediu lume. Dei-lhe o meu. No fumo sacudiu a cabeça, ergueu-a victoriosa na fruste beleza dos hombros, como se a vida dela fosse apenas aquele incendio de olhar, queimado, negro:

— Paris — disse — não gosta de teatro classico, agora. Quer rir, esquecer as dôres da guerra. Por isso a opereta, o *vaudeville*, triunfam...

— Neste instante...

— Sim, neste instante, porque o belo será reposto e erguido na arte das nossas grandes artistas.

Citou Pierat.

A uma pregunta nossa:

— Sim, eu gosto de teatro classico. Para mim, não para a bilheteira. Quando o quero representar vou para o *Odéon*.

Houve um silencio que Sergine soube encher da sua presença. A fumar, a devorar o fumo. A face cançada, sem uma ruga, como se o seu amor tivesse sido passado na vida, não no teatro.

—Gostei muito da recepção. Foi calorosa como nenhuma outra. Dizem-me que o publico é muito erudito, muito exigente...

—E'. As companhias francesas pecam quasi sempre pelo conjunto. Uma figura, como na da Pierat—só Pierat.

—Eu soube...

Renoir ao lado, levantou-se. A entrevista, fechára sôbre a ultima baforada do cigarro.

ARTES PLASTICAS

CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA EM LONDRES

Portugal far-se-ha representar?

Vai reunir-se em Londres um Congresso Internacional de Arquitectura. Em qualquer país, esse facto despertaria um certo interesse nos meios artisticos, começando imediatamente a preparar-se uma representação condigna.

Em Portugal, a noticia cairá no vacuo. Permite-nos fazer esta afirmação, além de outros, o facto de ainda ha pouco, num concurso nacional havido em Espanha, dos diversos ramos de arte, não termos concorrido, apesar de se abrir para nós uma excepção.

Quem promove o congresso?

Uma circular recebida no ministerio da Instrução, embora sem caracter oficial, responde plenamente á nossa curiosidade.

A iniciativa é do Real Instituto de Arquitectos Britanicos, com séde em Londres. O congresso deve ter logar no outono de 1924, ocupando-se dos seguintes assuntos:

—Revisão dos metodos e sistemas para se obter o diploma de professor. Fontes de estudo. Premios e menções de honra. Estudos preliminares. Estudos historicos. Pratica de construção. Jornais profissionais. Exames. Estandartes. Comparação dos vencimentos dos professores e examinadores. Promoções nos estudos. Influencia dos estudos profissionais —intercambio social. Visitas a escolas, museus, exposições, etc.

O Instituto de Londres fornece todas as indicações sobre a organisação e o funcionamento do Congresso.

Interessará o assunto aos arquitectos portugueses?

Sociedade de Belas Artes

Dois pintores

VI

Luís de Ortigão Burnay e Varela Aldemira marcam este ano um logar muito áparte da pintura invariavel de têma e gasta de côr que os mestres já uzaram e os discipulos repetem monotonamente—com os seus três retratos.

Burnay é acentuadamente moderno. E' voluptuoso de côr; forte; intencional e tão expressivo nos seus 37 e 38, que eles fazem lembrar as *danseuses* admiraveis de Degas. Mas tem um temperamento mais vivo e tão meridional que o deviamos filiar na moderna escola espanhola.

O retrato de mademoiselle M. F. de O, é uma sinfonia em verde, deslumbrante, leve. Tem aragem e tem elegancia. A mascara da rapariga dá-nos a impressão de ter sido feita em três sessões felicissimas de pincel, de tal forma ela exprime aquele sorriso dum encanto perturbador, a que não falta a sua ponta de voluptuosidade.

O outro, com um fundo Zuluaguesco, acentua ainda mais as qualidades admiraveis de Burnay. E' um forte, um impressionista, cheio de caracter e de força que procura não só dar expressões, mas ainda arranjar *ensembles* de decoração que impressionam pela tonalidade bariolada.

Ha ali carne, vibratilizações de luxuria, fibras até hoje, ignoradas de emoção que os olhos da retratada alargam.

Burnay deve ter já pelos seus trabalhos aberta a porta do Museu de Arte Contemporanea...

Varela Aldemira dá-nos apenas um unico retrato. Tem um admiravel arranjo de composição em que os ritmos da cor se conjugam primorosamente. Para nós vale mais o interior, o fundo principalmente, como emotivos toques do que, propriamente a figura. Notados já certos defeitos de pinceiagem nos ombros da figura; o rosto, no entanto, é uma pagina forte de realismo, com todos os estigmas da sensualidade.—**A. P.**

A esta nota, uma nota: Um jornal de vaga opinião que faz critica de pintura, seguindo as dos jornais da tarde, como podemos provar, referis-se ao seguinte lapso do critico do «Diario de Lisboa»: ter-se ele referido a um busto de João Silva que não tinha sido exposto. O busto existe, mas é do sr. Anjos Teixeira. Como no dia que lá fomos ainda não havia catologo, facil era o engano a não ser que o «moço» do tal jornal...—lá nos iamos denunciando!—tivesse trocado o sentido da vista pelo do tacto... Não lhe pagamos o frete pela mudança... dos nomes.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

AS SUBSISTENCIAS

O AZEITE

APREENDIDO

VAI SER ENTREGUE

NOVAMENTE?

Fala o ministro da Agricultura

Ha dias que se fala com insistencia, nos centros de cavaco, nos cafés e nos corredores de algumas repartições do Estado, numa importante apreensão de azeite que a analise deu como improprio para consumo.

Procurámos saber alguma coisa de novo na 3.ª repartição de fiscalisação agricola. A' esquerda um gabinete, com uma comprida mesa de pinho ao centro. Em volta, sentados, numerosos agentes de fiscalisação.

— Olhe: diga lá no jornal, para socego dos falsificadores de azeites e vinhos que os fiscais não voltam a importuná-los...

— Foi abolida a fiscalisação?

— Mais valia que o fosse...

— Porquê?

— Pregunte isso ao sr. ministro da Agricultura. Não estamos para sofrer mais vexames.

— Mas o que tem o ministro com isso?

— E' que ha dias, em Cascais, fizemos uma importante apreensão de azeites á firma comercial Abel de Almeida & C.ª Ltd.ª, e alguem pretendeu pôr uma pedra sobre o processo.

— Isso é grave...

— E' grave é, mas o mais grave é o ministro telefonar para o chefe da respectiva repartição, a pedir-lhe que o processo fosse arquivado.

— Porque foi feita a apreensão?

— Em consequennia de, na analise feita ás amostras, se ter verificado que ele tinha 12 e 13 graus de acidez, constituindo um veneno para a saude publica.

— E os processos fôram para o tribunal?

— Foram; mas o juiz já disse que eles eram absolvidos.

— Mas que interesse terá o sr. Fontoura da Costa, em que o processo seja arquivado?

Em confidencia:

—Tem interesses nessa sociedade... Nós aqui temos a má vontade dos chefes de repartição e de quasi todos os superiores.

Agora todos contam casos, mais ou menos interessantes:

— Ontem foi feita uma apreensão de 11.000 litros de azeite, na Quinta da Granja, em Vila Franca.

— E depois?

— As repartições recusam-se a tomar conta do caso, não obstante serem testemunhas o administrador do concelho e o comandante do posto da G. N. R., tenente Cabreira.

— Ha rasões?

— Dizem que nós não temos competencia para fazer fiscalisação.

— Mais...

—Há dias foi feita uma importante apreensão de vinho que a analise verificou conter uma grande parte de agua. Sabe o que sucedeu? Foi arquivado o auto.

—Qual o fundamento?

—O chefe é amigo do comerciante em questão, e os amigos são para as grandes ocasiões... Isto é só uma pequena amostra...

* * *

Tem a palavra o sr. ministro da Agricultura:

—V. Ex.ª mandou arquivar o processo da apreensão de azeites...

—Eu, eu? Isso é falso!

—Pelo menos, é o que se diz!

—Isso é falso. Vou mandar uma nota oficiosa para os jornais, desmentindo essa afirmação.

—Teve uma conferencia, pelo telefone, com o chefe da respectiva repartição?

—Tudo o que andam a dizer tem o fim de me desgostar e de me forçar a abandonar o poder... A mim que não admito poucas vergonhas...

—V. E.xª é socio da firma em questão?

—Dou-lhe a minha palavra de honra de que não. E se o fôsse, isso não impediria que os autos seguissem. Nem a meu pai fazia um favor desses...

A ADMINISTRAÇÃO PUBLICA

O problema da instrução

Devem ser criadas mais escolas profissionais

afirma-nos o novo vereador sr. Rocha Martins

Que irá fazer a nova vereação da Camara Municipal de Lisboa? Vamos, emfim, ter uma cidade decente, digna do apelido pomposo de capital? Vamos ter agua? Vamos ter gaz? Vamos ter higiene? Vamos assistir a uma administração honesta, capaz de, fora das politiquices do costume, fazer uma obra que se imponha — pelo seu gosto e pela sua utilidade?

* * *

O unico novo vereador que o destino quiz que topassemos foi o sr. Rocha Martins, de tão constante e dispersiva actividade.

Rocha Martins

—Então, que tenciona fazer a nova vereação camararia?

—Eu respondo por mim: boa administração fora de todas as politicas.

—Que ficou resolvido na primeira reunião?

—Não assisti. Nem tinha mesmo que assistir. Eliminaram nos da comissão executiva. Temos, apenas, dizem eles, funções fiscalizadoras — como se, na verdade, alguma coisa podessemos fiscalizar...

—Mas, no seu criterio, o que deve fazer a nova vereação?

—Ha um problema que lhe deve merecer o melhor dos seus cuidados...

—Qual?

—O da instrução. A camara municipal de Lisboa tem, a seu cargo, umas três ou quatro escolas ás quais precisa de dar a orientação de um ensino moderno e profissional, a exemplo do que se faz lá fóra... H uma escola em Lisboa que devia servir de modelo — é a escola oficina n.º 1 — por sinal maçonica. O que ali se faz, em materia de ensino, é optimo, e esta minha opinião é tanto mais desinteressada quanto é certo eu não pertencer á maçonaria.

—Mas o que se devia fazer?

—Em primeiro lugar transformar as bibliotecas que lhe estão apensas. Não se admite que, em bibliotecas escolares, faltem livros de cultura profissional e abundem livros como o «Rocambole» e os de Ponson de Terraille.

—Depois?

—Depois uma reforma rigorosa no ensino. Bem sei que isso compete mais á Instrução Publica de que ás Camaras Municipais. Mas estas, com boa vontade, em muito poderão auxiliar a acção do Estado, neste campo.

—Mas que deve fazer mais a nova vereação?

—Outro assunto importante: acabar, duma vez para sempre, com as regalias que gosam certos potentados, com prejuiso da Camara. Por exemplo: a Companhia tal, para fazer obras no seu edificio, levanta as pedras da rua, abre fossos, impede o transito, etc., para a construção dos andaimes, e terminadas as obras é a Camara obrigada a repôr tudo no seu lugar. E' legitimo? Não. Além disso a Camara luta com falta de operarios. A reposição é feita vagarosamente, com a agravante ainda de serem roubadas muitas pedras, que hoje, como tudo, não custam uma bagatela...

—E mais? Melhoramentos? Embelesamentos?

—Como, se não há verba! Não, é melhor ir vagarosamente. Deixemo-nos de sonhos, que têm sido todo o nosso mal. Vamos lá estar quatro anos. Em cada um deles é melhor fazer pouco, mas acertado, do que muito e mau.

UMA HISTORIA DE AMOR

A' RODA DA FORTUNA

dum rapaz que enlouqueceu por uma mulher

Um negociante de meias, rico e de boas familias, deixou-se prender pelos encantos de certa rapariga conhecida nos meios bohemios pela alcunha de «Satanela» que, instigada por alguem que nisso tinha o maior interesse, conseguiu, mercê de bruxedos e outras coisas, dar com o amante em doido.

Varias criaturas aproveitaram-se então desse facto para, não só não lhe pagarem o que lhe deviam, mas tambem o explorarem, no que foram acompanhados pela propria «Satanela» que foi parar á cadeia, por isso, tendo saído dali sem quaisquer meios.

Entre as criaturas que se aproveitaram da loucura do rapaz, houve um socio dele numa conhecida loja de meias da Baixa, que conseguiu arrancar-lhe a assinatura para uma escritura de venda da sua quota na sociedade — negocio este rendoso, pois que, comprando por 28 contos o que valia mais de cem, nem mesmo esses 28 entregou ao rapaz.

Foi este caso entregue aos tribunais pelo conhecido advogado dr. José Gomes que, com grande trabalho, já conseguiu rehaver parte da enorme fortuna. Monta a mais de 500 contos o valor do que falta ainda rehaver, tendo-se já conseguido apanhar, pelos tribunais e pela policia, para cima de 200 contos.

Neste caso, estão envolvidos alguns funcionarios da Justiça, tendo já sido dois deles presos, por causa dum desvio de pratas, no valor de 30 contos.

O referido advogado entregou uma queixa ao Conselho Superior da Magistratura.

Pelos teatros

Carlos Leal

Faz ámanhã a sua festa, no Eden Teatro, o popular e querido actor Carlos Leal, primeira figura masculina da companhia Antonio de Macedo, director de scena e interprete de quasi todos os «comperes» que ali se teem representado nos ultimos tempos. Tendo chamado sobre si, nos ultimos anos, as atenções dos frequentadores de teatro, com a publicação de livros da sua lavra, nem por isso Carlos Leal deixa de gosar, por parte dos seus colegas, de muita estima e amizade, que ámanhã se reflectirá no Eden Teatro com aplausos e a casa cheia. Representa-se a revista «Chá e Torradas», em pleno sucesso, acrescida de um quadro denominado «Cachorolete», no qual se exibirão variadissimos numeros consagrados pelo publico, desempenhados pelos melhores artistas da Companhia,

Atrás do reposteiro

Sabemos que se prepara uma grande festa para a noite de 17 do corrente, em S. Carlos, recita de honra da ilustre actriz Palmira Bastos, representando-se por uma unica vez, a peça «Marionettes», na qual a festejada tem uma das suas maiores corôas de artista.

—Na «reprise» que vai fazer-se no Nacional da peça «Frei Luís de Sousa», os artistas societarios Augusta Cordeiro e Luís Pinto desempenham os seus antigos papeis.

—Na interpretação da peça «A Marquesinha», do sr. Sousa Costa, que vai representar-se no Avenida, entram os seguintes artistas: Aura Abranches, Adelina Abranches, Alexandre de Azevedo, Sacramento, Fernanda de Sousa, Lyda de Almeida, Albertina Pereira, Rosa Cadete, Alice de Ataíde, Alves da Silva, Antonio Melo e Pereira das Neves.

—No Politeama, pela companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, até á estreia da companhia francesa Cécile Sorel-A. Lambert, que se efectua no dia 27, representar-se-hão as seguintes peças: «Outro eu», amanhã e depois; «Marianela», «O Segredo», «Zilda», «Jerusalem», e «As Flores».

—No proximo domingo, 15, no S. Luís, realiza-se uma «matinée» na qual tomam parte os artistas russos Elene Sadoven, Teodoro Ritch, Ivan Ivantzofl, Elizabeth Andersen e Vaceslaw Svoboda.

—No proximo sabado realiza-se em S. Carlos, a recita anual dos empregados do Banco Ultramarino, representando-se a revista «Tristezas,.. não pagam dividas», original de Alvaro Leal e Jaime Ferreira e a «zarzuela» o «Pobre Valbuena».

—O professor Carlos Santos realiza a sua recita em S. Carlos, no dia 23, com as peças «A chama» e «A ceia dos Cardeais», interpretando o papel do cardeal português.

—O empresario Antonio Macedo está em negociações para realizar uma temporada de revista no Coliseu dos Recreios, durante a epoca de verão.

—Está trabalhando em variedades, na Italia, a actriz Flora Dyson.

—Está em Lisboa o empresario portuense sr. Rocha Brito, que veiu assistir á assembleia geral do Avenida Parque, Ltd.

—Da companhia que se está organizando para o teatro Maria Vitoria, no proximo verão, fará parte a «coupletista» Luz Imperio.

—No Aguia de Ouro, do Porto, vai fazer-se «reprise» da revista «Ceu aberto».

—Diz-se que o actor brasileiro Leopoldo Frois está decidido a organizar uma companhia de comedia, que trabalhará no Aguia de Ouro.

POLITEAMA HOJE
Azas Quebradas
Está aberta a assinatura para as 6 recitas da companhia da «Comedie Française»

OS SABONETES
AGUAS DE S. VICENTE
(Entre-os-Rios)
Impõem-se como sendo os melhores para doenças da pele.
Pedidos ao depositario em Lisboa
Silva & Espirito Santo, Limitada
Praça de S. Paulo, 7, 1.º — Tel. 3711 Central

GRANDE CAFÉ D'ITALIA
67, RUA 1.º DE DEZEMBRO, 71
Almoços magnificos Table d'hôte et à la carte
O nosso café não tem rival

Pinto & Sotto Mayor
BANQUEIROS

LISBOA
Rua de Ouro, 18, 24

PORTO
Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

---

CALÇADO BARATO
SÓ O VENDE O
CANDEIAS

Completo sortido de calçado para homem, senhora e crianças

Novas secções DE FANQUEIRO, RETROZEIRO, CAMISARIA E CHAPELARIA

CANDEIAS—INTENDENTE

TOSSE
CURA RAPIDA E SEGURA COM AS PASTILHAS DE
DR. ANDREU DO BARCELONA
a maior parte das vezes desapparece a tosse ao concluir a primeira caixa.
A venda as Pharmacias e Drogarias

DEPOSITARIOS GERAIS PARA PORTUGAL E COLONIAS
GIMENEZ-SALINAS & C.ª
9, Rua Nova da Trindade, 1.º—LISBOA

RICAS MOBILIAS
Deslumbrante Exposição

Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento
VENDAS SEM INTERMEDIARIOS
Economia de 20 a 30 %
Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos da mobilias nos estilos antigos e modernos
MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.
A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada
ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO
DO FABRICANTE PROFISSIONAL
MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR
Rua do Desterro, 17 a 29

AMOSTRAS GRATIS

DEPOSITARIOS
FIGUEIREDO & TELLES, L.DA
RUA ALVES CORREIA, 45 1.º
TELEFONES 3156 e 3697-N.
TELEGRAMAS: FITELES
LISBOA

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Companhia Portuguesa de Pesca
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital — Esc. 10.000.000$00

LISBOA

Em cumprimento dos artigos 20.º, 24.º e 25.º dos estatutos desta Companhia, tenho a honra de convidar os srs. acionistas, para no dia 30 de Abril corrente, pelas 15 horas, se dignarem comparecer na sua séde Rua 24 de Julho n.º 2, 1.º, nesta cidade de Lisboa, para, em assembleia geral ordinaria deliberarem sobre o balanço, relatorio da direcção e parecer do conselho fiscal, relativos ao exercicio findo em 31 de Dezembro de 1922.

No caso de não haver numero legal fica desde já convocada a assembleia para o dia 16 de Maio p. f. á mesma hora.

Lisboa 10 de Abril de 1923.

O Presidente da Assembleia Geral
(a) *Joaquim Germano de Sales*

Em cumprimento dos artigos 20.º, 24.º e 25.º dos estatutos desta Companhia, tenho a honra de convidar os srs. Acionistas, para no dia 30 de Abril corrente, pelas 16 horas, se dignarem comparecer na sua séde, Rua 24 de Julho n.º 2, 1.º, nesta cidade de Lisboa, para, em assembleia geral extraordinaria, deliberarem sobre uma proposta de aumento de capital.

No caso de não haver numero legal, fica desde já convocada a assembleia para o dia 16 de Maio p. f. á mesma hora.

Lisboa, 10 de Abril de 1923.

O presidente da Assembleia Geral
(a) *Joaquim Germano de Sales*

Caminhos de Ferro Portugueses
Oficinas Geraes

SERVENTES

Admitem-se serventes para serviço permanente nas oficinas desta Companhia.

Para tratar no edificio dos escritorios das Oficinas Geraes, em Santa Apolonia.

Lisboa, 6 de Abril de 1923.

O Director Geral da Companhia
(a) *F. de Mesquita*

COMPANHIA DE MOAGEM "LISBONENSE"
Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
FABRICA NOS OLIVAIS-LISBOA
Escritorio—Rua Terreiro do Trigo, 66, 1.º, Lisboa
CAPITAL ESC. 1:800:000$00

Elevação do capital social a Esc. 3:000:000$00 pela emissão de Esc. 1:200:000$00, em 12.000 acções, do valor nominal de Esc. 100$00, colocadas exclusivamente entre os Srs. Accionistas a Esc. 110$00, tendo cada accionista direito a 2 acções por cada 3 acções que possuir.

CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

1.ª prestação no acto da inscrição	. . . . .	Esc. 35$00
2.ª » até 28 de Maio proximo futuro	. . . . .	» 35$00
3.ª » » 28 » Junho » »	. . . . .	» 40$00

A emissão está garantida por um grupo de accionistas.

A inscrição está aberta de 16 de Abril até ao dia 28 do mesmo mês, no escritorio da Companhia.

Lisboa, 10 de Abril de 1924.

O Conselho de Administração e o Conselho Fiscal, *João Castanheira de Moura, Joaquim Antonio Pereira, Agostinho Rodrigues da Bela, Dr. Carlos Barbosa, Domingos Freire Teixeira Marques* e *Henriques Missa*.

DFS
Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA
A quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores
Telefone C. 5430 Grafo DIFONSO
DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.ª
Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

PAPELARIA VIUVA MARQUES
TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇÃO
Artigos de escritorio — Material para desenhadores
—— PREÇOS MODICOS ——

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38
— LISBOA —

Cigarros PIERROT

Os melhores e mais baratos. A' venda em todas as boas tabacarias do país.

Janotas????
Sejam economicos

MADEIRA, ALFAIATE, participa aos seus amigos e fregueses que mudou o seu estabelecimento de alfaiataria da Rua do Sol ao Rato, 215, para o Largo da Trindade, n.os 11, 12 e 13

COMPANHIA DE MOAGEM LISBONENSE
DIVIDENDO DE 1922

Avisam-se os ex.mos srs. acionistas que estará a pagamento, a partir do proximo dia 16 de Abril, o dividendo de 1922 de Esc. 12$00 por acção, livres de qualquer imposto aprovado na Assembleia Geral realizada em 29 de Março p. p. todos os dias uteis das 14 ás 17 horas, até ao dia 12 de Maio. Passado este praso o pagamento efectuar-se-ha todas as quintas-feiras ás mesmas horas.

Lisboa, 10 de Abril de 1923. O Conselho de Administração.

COMPANHIA GERAL DE SEGUROS
121, R. dos Fanqueiros — LISBOA

Fundo de garantia mais de Esc. 3.150:000$

Poucas collocações de capitais apresentam tão valiosas garantias como a compra de uma RENDA VITALICIA, feita á Companhia Geral de Seguros

Absoluta garantia
Completa segurança e grande rendimento

NOTA — A Companhia facilita todas as informações que lhe peçam.

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

NA CAMARA DOS COMUNS

A BASE

DAS VANTAGENS MUTUAS

ENTRE O COMERCIO DA INGLATERRA

e dos paises europeus

LONDRES, 11

O visconde Duram, membro do partido conservador, apresentou uma moção na Camara dos Comuns dizendo que aquela Camara desejosa de promover o restabelecimento das nossas relações com os paises europeus sob a base de vantagens mutuas solicitava ao governo que tomasse imediatas medidas para desenvolver o mais possivel as relações comerciais dentro do imperio em estreita cooperação com o governo dos dominios ultramarinos. Acrescentou que tinha chegado o tempo de tratar desses assuntos duma maneira pratica e não duma maneira teorica. O ideal do desenvolvimento imperial não se opunha a que simultaneamente se auxiliasse o desenvolvimento do comercio externo. Sir Philip Lloyd Grame, presidente do Board of Trade disse que toda a Camara devia concordar com a materia daquela moção, que definia as linhas gerais da conferencia economica imperial que se vai realizar no proximo mês de Outubro.

A conferencia

sobre a economia imperial

A Inglaterra sofre actualmente duma seria crise de exportações e a maneira de acabar com a questão dos desempregados é desenvolver o nosso comercio externo mais ainda do que estava antes da guerra, porque com o melhoramento dos metodos de produção e mesmo comercio não daria emprego ao mesmo numero de individuos. Portanto temos não só que reaver os nossos velhos mercados mas encontrar novos mercados. Estudando cuidadosamente as condições dos mercados de além-mar podemos aumentar o comercio que fazemos com eles. A conferencia economica imperial tratará da cooperação entre a Metropole e os dominios de além-mar e o desenvolvimento dos recursos desses dominios para vantagens mutuas do comercio.

Há necessidade

de desenvolver o comercio!

O capitão Wallace, do partido conservador, mostrou que no ano de 1913 o comercio inglês com os outros paises do imperio era 20 0/0 maior do que com o resto do mundo, dizendo que disto se deduzia a necessidade de desenvolver o comercio imperial mais do que desenvolver o comercio com o estrangeiro. O dr. Chapple, do partido liberal, declarou que a emigração dos operarios para os dominios deve ser acompanhada por uma emigração de capital e que se tornava necessario que se abrissem creditos para os dominios ultramarinos. As melhores colocações de capital do mundo achavam-se sob a bandeira inglesa. — (R.)

"A Casa do Misterio"

Um romance de Jules Mary no Cinema Condes—A estreia de ontem, a de hoje e a de sexta-feira proxima

Jules Mary é um dos mais apreciados romancistas populares franceses. Um dos seus mais notaveis trabalhos, «A Casa dos Misterio», cheio de emocionantes lances e de um entrecho curiosissimo, começou ontem a sua exibição no Condes, tendo alcançado um grande e justificado sucesso o seu primeiro episodio, em que já a impressionante acção do romance começa a prometer interessantes surprezas. Hoje estreia-se uma nova comedia de Harold «Amor e poesia», repetindo-se a 1.ª jornada da «Intolerancia», o estupendo «film» de evocação historica em que quatro episodios se desenrolam simultaneamente aos olhos deslumbrados do espectador. A 2.ª e ultima jornada da «Intolerancia» estreia-se proxima sexta-feira.

CURIOSIDADES

BEBEDEIRA

QUE ABRANGE TODA UMA POPULAÇÃO

160 hectolitros de quinquina ingeridos em poucas horas

Os habitantes de Quievrechain, povoação fronteiriça situada a poucos quilometros de Valenciennes tomaram ha dias uma bebedeira colectiva em circunstancias sobremodo curiosas.

Uns tantos operarios que trabalhavam perto da linha ferrea aperceberam-se, a certa altura, de que um vagon cisterna que continha 160 hectolitros de quinquina, deixava vasar o liquido. Correram imediatamente a provar, e, como o aperitivo lhes agradasse ao paladar, beberam até mais não. Entretanto, a noticia foi-se espalhando e pouco depois toda a população acorria ao local com vasilhas varias para partilhar do forçado bôdo.

Não ficou casa alguma sem a competente garrafa de quinquina, pois só deixaram a cisterna quando tiveram a certeza de que não continha nem uma gôta mais.

O resto adivinha-se. Dentro de horas estava a povoação em festa. Mulheres, homens, velhos e creanças, toda a gente veiu bebeda para a rua, cada um a fazer os disparates que lhe apeteciam, rindo, chorando, cantando, dançando ou rebolando-se até pelo chão numa orgia geral que dava ao logar o aspecto de um enorme manicomio. A policia viu-se depois em serias dificuldades para remover para suas casas ou para o hospital grande quantidade de mulheres e crianças que ficaram como mortas nas ruas.

Um documento para a historia

A delegação diplomatica e consular da Republica Irlandesa em Paris, fez publico o texto do telegrama que enviou a Tchitcherine, e ao qual o ministro russo se referiu na resposta malcreada dada pelo governo sovietista ao representante britanico na capital francesa. E' do seguinte teor, que registamos, a titulo, apenas, de curiosidade:

«A Republica Irlandesa ficaria profundamente reconhecida se o arcebispo Cilplak fosse indultado, apesar da intervenção hipocrita do governo britanico, responsavel pelo assassinato, a sangue frio, de funcionarios publicos na Irlanda, onde 14.000 prisioneiros —homens, mulheres e creanças—são tratados de maneira barbara e deshumana; segundo a vontade da Inglaterra, emquanto que o «controle» inglês sobre os cabos submarinos impede o mundo civilisado de ter conhecimento dos detalhes horriveis destas atrocidades.»

Como se sabe, foi deste telegrama que o governo sovietico se serviu para responder á Gran Bretanha da maneira insolente como o fez. E', portanto, um documento digno de arquivar-se.

Uma desordem pró-paz

Esta, conta-a, textualmente, «Le Petit Journal»:

«Ao fundo de um salão negro de fumo, em meio de uma vozearia infernal, e sobre uma tribuna guarnecida com decorações de opereta, agitam-se, em frenesi, silhuetas de homens, em mangas de camisa e esbodegados de suor. E' o comicio organizado na Grange-aux-Belles pelos sindicalistas, e no qual tomam parte comunistas, anarquistas, e outros avançados.

Cada partido tem inscritos os seus oradores. São, ao todo, uns doze; mas, de cada vez que um deles quere fazer uso da palavra, os adversarios desatam em tamanha grita, que os desgraçados não têm remedio senão desistir. Os tumultos sucedem-se: os bancos e as mesas andam já feitos em cacos; ha quem saia precipitamente, apalpando as costas...

Trata-se de um comicio para a paz universal, contra a ocupação do Ruhr, e as violencias do Ruhr, etc.

A sessão foi aberta ás 9 horas da noite; as 11 já numerosos oradores se sucederam na tribuna, sem que um unico se tivesse feito ouvir.

Nova desordem; agora no centro da sala. Soam quatro disparos de revólver, mas ninguem fica ferido. Quem disparou? Ninguem sabe.

O unico orador que conseguiu fazer-se ouvir, ao fim de 4 horas de tumulto e de pancadaria, foi M. Thomas. Já poucos o ouviram, porque a maior parte dos assistentes tinha saído, quasi todos para o hospital ou para as farmacias proximas.»

Como manifestação pro-paz, hemos de concordar que não podia descobrir-se coisa mais tipica...

A FRANÇA E A ALEMANHA

O RUHR

E O GOVERNO FRANCÊS

A INAUGURAÇÃO DUM MONUMENTO

aos mortos da guerra

PARIS, 11

O redactor diplomatico da Agencia Havas crê que o sr. Poincaré, ao inaugurar no proximo domingo, o monumento aos mortos da guerra de Dunkerque, confirmará a posição do governo francês a respeito do problema das reparações: «nenhuma redução no credito da França e a ocupação do Ruhr durará até que a Alemanha cumpra as suas obrigações». O sr. Lecheur, que é deputado pelo Norte, assistirá a esta cerimonia.—(H.)

Tumultos

na cidade de Fielendorf

DUSSELDOR, 11

Desconhecidos dispararam em Fielendorf tiros sobre a patrulha ferindo ligeiramente o chefe da mesma patrulha; mas as sanções estão em plena execução. Em Waltropp um cavaleiro francês examinando o revolver este disparou indo matar uma rapariga alemã que estava proximo. O comandante do exercito transmitiu os pezames ás autoridades alemãs e á familia da vitima.

Hugo Stinnes

foi mais uma vez detido

BERLIM, 11

Na ocasião em que regressava do Ruhr, o grande industrial Hugo Stinnes foi momentaneamente detido na estação de Scharnhorst e em seguida posto em liberdade.

Depois do exame das suas bagagens, seguiu para Mulheim.—(H.)

MUCOSAN

Ultima maravilha da sciencia alemã

CURA RAPIDA E SEGURA DA BLENORRHAGIA

INDISPENSAVEL NA HYGIENE INTIMA DAS SENHORAS

Vendem:

Farmacia Barral — Rua do Ouro
Farmacia Estacio — Rocio
Teixeira Lopes & C.ª — Rua do Ouro
Drogaria Quintans — Rua da Prata
Drogaria Silva, Neves & C.ª Ltd.ª--R. da Prata
Azevedo, Irmão & Velga — R. S. Roque
J. Pereira Bastos — Rua Augusta
M. R. Januario, Ltd.ª — Rua S. Lazaro
V. Ribeiro & C. da Fonseca — R. da Prata

Deposito: T. DOS REMOLARES, 30, 1.º LISBOA

POR 10 ANOS

São garantidas as nossas canetas com tinta TRIUNFO, que enchem automaticamente em dois segundos.

Não sujam, não entornam, nem deitam borrões. Todas as penas destas canetas escrevem suave e facilmente logo que toquem no papel sem necessidade de sacudir, e fornecem-se desde a mais flexivel e mole até á mais rigida e dura.

Excecionalmente a titulo de propaganda, esc. 35$00

Concertam-se canetas de todas as marcas

CATALOGO GRATIS

PAPELARIA DA MODA

167, 169, RUA DO OURO, 171, 173

OURO PRATA E JOIAS

COM SAFIRAS, DIAMANTES E BRILHANTES

Só vende mais BARATO

o Correia & Moura, Lt.ª

RUA DE S. PAULO, 186

Proximo á Casa da Moeda

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A PROPOSITO DUM DISCURSO

A NOVA REFORMA DA INSTRUÇÃO E A INTERPELAÇÃO

do senador Silva Barreto

No ministerio da Instrução foi hoje o assunto do dia a interpelação do senador Silva Barreto ao sr. dr. João Camoezas, sobre serviços daquele ministerio.

Disse o referido senador que os diversos ministros da Instrução têm descurado os interesses do ensino, não providenciando de maneira a evitar o estado ruinoso de muitas escolas. Abrangeu nesta critica varios professores e funcionarios do ministerio, entre eles alguns dos que desempenham os mais elevados cargos.

O sr. dr. Costa Cabral, director geral da instrução secundaria, estava conversando com Augusto Gil, quando o jornalista entrou no seu gabinete:

—Pode dizer-me alguma cousa sobre o discurso do sr. Silva Barreto...

—Nós teriamos muita vontade de falar. Mas esperemos que ele conclua o seu discurso e que o ministro lhe responda. A interpelação foi dirigida a ele.

—O estado das escolas...

—Ninguem melhor do que ele que é chefe duma repartição pedagogica pode estudar e remediar o que haja de mau nas escolas. De resto tem a faca e o queijo na mão. A nova reforma é da sua autoria.

—Ele referiu-se a funcionarios superiores...

—Sim, a todos... A mim, por exemplo. Disse que eu fora nomeado *inquiridor* por inclinação *atavica*...

—Por ser descendente do primeiro marquês de Tomar?

—Sim. O que me causa, porém, certo embaraço é descobrir onde hei-de filiar o *atavismo* do sr. Silva Barreto, para explicar o seu discurso de ontem.

—Foi nomeado inquiridor?

—Sim. Em resultado de acusações feitas a varios funcionarios deste ministerio, em pleno Parlamento, pelo sr. Silva Barreto. Quando lhe pedi que provasse essas acusações, respondeu-me que averiguassemos nós. Fiz o meu relatorio. Entreguei-o ao ministro que o mandou publicar. O sr. Silva Barreto não gostou.

O poeta do *Conto da cigarra*, sempre ironico e mordaz, intervem na conversa:

—Sim. Ele atacou-nos, a mim e ao João de Barros...

—De que os acusou?

—De sermos *poetas*. Ora é isto que me dispõe mal. Eu até agora tenho sempre tido umas certas duvidas sôbre as minhas qualidades poeticas. Desde que o Silva Barreto fez uma afirmação dessas, perdi por completo as ilusões...

EXPERIMENTEM O VINHO
"CARTAXAS"

O contra almirante Antonio d'Almeida Lima FALECEU

Augusta Antunes d'Almeida Lima, Angelica Benedicta Antunes, Maria Adelaide d'Almeida Lima, Julia d'Almeida Lima, João Maria d'Almeida Lima, esposa, filhos e nora, Maria José d'Almeida Lima filha e genro, Elysia Antunes de Matos e Silva e seu marido, Alda Guerreiro d'Almeida, participam o falecimento de seu presado marido, genro, irmão, tio e cunhado, saindo o prestito da Avenida da Republica 41, 1.º, no dia 12 ás 13 horas, para o cemiterio oriental.

A TARDE PARLAMENTAR

A frota do Estado foi transferida para a industria particular

de maneira lesiva para os interesses da nação

O sr. Baltazar Teixeira já sabe de cór a lista de nomes dos deputados. Hoje esteve a fazer a chamada sem quasi olhar para o papel, como se aquilo fôsse um castigo.

—Estão presentes 40 senhores deputados. Está aberta a sessão. Vai ler-se a acta—avisa o sr. Sá Cardoso com as cortezias da praxe.

O secretario da esquerda—o sr. Sousa Dias—lebantou-se, abriu a primeira lauda da acta, e, quando ia a ler, perdeu a fala. Não perdeu, porém, a serenidade. E, sempre com o almasso sob o olhos, deu em conversar com o continuo que se lhe acercou, não sabemos se a pedir algum especialista de doenças de garganta, se a inquirir do numero de parlamentares que vão chegando.

Esta scena de leitura fingida da acta vai sendo um simbolo das velharias inuteis. Para que ha-de aquele desgraçado estar ali a dar-se áquela tortura de iludir a gente, consciente e involuntariamente, durante cêrca de meia hora?

* * *

Entretanto, cavaqueia-se; faz-se má lingua. E' melhor não reproduzir. Deixemos falar o sr. Cancela de Abreu que, talvez por ter ouvido os zunzuns da conversa, está agora a dizer em voz alta uma das coisas que até ha pouco se contava em surdina: que o contracto da emissão de selos da travessia aerea foi um tremendissimo escandalo.

—Os concessionarios devem ter ganho com a negociata, livre de mais despesas, a bagatela de 17.000 contos.

O caso, pelos modos, não interessa a Camara, porque vai na sala um barulho medonho. Tal, que o sr. Sá Cardoso já tocou a campainha por 5 ou 6 vezes, a implorar silencio:

—Lembro aos srs. deputados que não se pode trabalhar com tanto barulho.

* * *

Outro assunto. Não interessa para a cronica. Trata-se de impostos adicionais para os corpos administrativos. Falou o sr. Alfredo de Sousa, falou o sr. Alberto Cruz, falou o sr. Almeida Ribeiro—como quem está a cumprir uma penitencia de rezas—e falaram mais uns tantos parlamentares. Mas não houve um gesto, uma palavra, uma atitude, um áparte, sequer, que possam aproveitar-se para colorir o relato. Passa-se tudo em familia; só com a diferença de os oradores se tratarem uns aos outros por v. ex.ª

* * *

O sr. João Luís Ricardo, que veiu hoje á camara pela primeira vez depois do fallecimento de seu pai, foi muito cumprimentado, raros sendo os parlamentares que não se acercaram dele para lhe dizer palavras de pesar.

* *

Lá veiu uma aragem de animação. O sr. Antonio da Fonseca falou tambem; e, como, sempre que fala, consegue ser brilhante, obrigou a camara inteira a atendê-lo.

—A questão é grave; a questão é importantissima!—diz—referindo-se ainda á questão dos impostos camararios.

Vieram senadores ouvi-lo; e até o chefe do governo se instalou perto para assistir.

O sr. Alberto Cruz discorda de certas afirmações produzidas; e faz ápartes, e interrompe o discurso, e estabelece dialogo á força, obrigando, assim, o orador a entusiasmar-se, a crescer de vibração, e a dizer num clamor:

—A camara dos deputados não pode, não deve aprovar qualquer resolução que modifique, como se pretende, a constituição dos partidos medicos!

Como se vê, o assunto, mesmo tratado pela eloquencia erudita do sr. Antonio da Fonseca, não é de molde a interessar os leitores, que se afizeram a encontrar aqui o relato de factos que não enfadem.

* * *

Vai entrar-se na ordem do dia. Antes, porém, o sr. Sampaio Maia requere que o deixem tratar em negocio urgente de irregularidades que reputa de importancia maxima. Deferido, para quando estiver presente o sr. ministro da Justiça.

O sr. Carlos Pereira, tambem em negocio urgente, ocupa-se da acquisição da frota maritima do Estado.

Os navios, ao que afirma, passaram para a industria particular de maneira que só lesa o Estado e que não pode, por isso, ficar sem protesto. Não pode ser e não ha de ser; custe o que custar!

São horas, porem. E é pena, porque agora é que isto vai levando geitos de interessar a gente.

O Chefe do Estado

recebeu hoje as credenciais do novo ministro de Italia

O sr. Presidente da Republica recebeu hoje as credenciais do novo ministro de Italia, que o acreditam como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto do governo português.

Ás 16 horas, chegou o ilustre diplomata ao palacio de Belem, prestando-lhe uma fôrça da G. N. R., com a respectiva banda, as respectivas honras militares.

O sr. ministro de Italia foi introduzido na sala dourada pelo sr. Barreto da Cruz, chefe do protocolo. Era ali aguardado pelos srs. ministros do Interior, Estrangeiros, Colonias, Justiça e Agricultura.

Em seguida passou para a sala Luís XV, onde esteve conversando alguns momentos com o sr. Presidente da Republica, depois dos cumprimentos da praxe.

A hora a que escrevemos estão sendo lidas as credenciais.

Uma torre Eiffel Em Londres

LONDRES, 11.

Na exposição de Wendley no proximo ano havera uma torre de 600 pés de altura. O cume dessa torre estará 900 pés acima do nivel do mar e será uma das maiores realizações da engenharia moderna. A sua base será cilindrica e ocupará menos espaço do que a da torre Eiffel. Os visitantes subirão ao seu cimo em grandes elevadores em que caberão 100 pessoas e a ascenção far-se-ha em 7 minutos. — (R.)

Canhoneira «Quanza»

Segundo telegrama recebido no ministerio da Marinha, a canhoneira «Quanza», que se acha em Tanger, deve chegar ámanhã a Faro.

As algas e o moliço da ria de Aveiro

A junta da freguezia da Murtoza telegrafou ao sr. ministro da Marinha solicitando que seja atendido o pedido de prorrogação do praso para a apanha de algas e moliço na ria de Aveiro. O pedido foi já deferido.

INICIATIVA INTERESSANTE

O JOGO VAI SER REGULAMENTADO?

TRINTA DEPUTADOS vão tratar da questão

Na Camara dos Deputados, formou-se ha meses um grupo de parlamentares de todas as côres politicas, que tinha em vista promover a regulamentação do jogo, segúndo as bases de um antigo projecto de lei da iniciativa do sr. dr. Jorge Nunes, que dorme como tantos, amortalhado entre alvos lençoes de esquecimento, á espera de que alguem o traga pela mão á barra do Parlamento.

O deputado sr. Carlos de Vasconcelos afirmou hoje ao jornalista que o referido projecto deve voltar em breve á tela da discussão.

—A iniciativa do projecto do sr. dr. Jorge Nunes foi renovada...

O sr. Carlos de Vasconcelos:

—Aguarda apenas o parecer das comissões de legislação criminal e de finanças. A comissão de legislação civil e comercial deu-lhe já o seu parecer favoravel.

—O grupo que se formou a favor da regulamentação do jogo não descansa...

—Espera apenas que as comissões dêem o seu parecer e vai eleger um *leader*, que será possivelmente o sr. dr. Torres Garcia.

—São muitos...

—Somos cêrca de 30.

—E trabalham em perfeita harmonia?

—Ha uma pequena divergencia de pontos de vista... As opiniões dividem-se quanto á maneira de regulamentar o jogo dentro de Lisboa. Uns querem proibição, outros regulamentação.

— Mas estão todos de acordo...

— Quanto á necessidade urgente de regulamentar o jogo de azar, transformando-o em fonte de receita para o Estado e em condição essencial de desenvolvimento do turismo.

— O doutor defende a creação de um bilhete de identidade...

— Não é bem isso, é a cedula do jogador, onerada com um pesado imposto, e sem a qual ninguem poderá entrar numa casa de jogo. Só os estrangeiros devem ter entrada livre. Compreende como essa restricção traria grandes beneficios, já constituindo receita para o Estado, já impedindo que muita gente deixasse de entrar numa casa de jogo para não se sujeitar ao pagamento do imposto.

— Ainda está demorada a discussão do projecto...

— Mais proxima do que eu supunha. Dentro de oito ou dez dias, as comissões dar-lhe-hão o seu parecer e ele será incluido, provavelmente, na ordem do dia.

ABUSO DE CONFIANÇA

Queixou-se á policia Adelaide Balasteros, rua da Gloria, 56, r/c, de que, tendo ido á sua residencia uma mulher que dá pelo nome de Madalena, com o pretexto de lhe comprar diversos artigos de vestuario, levou-lhe os mesmos objectos e dinheiro, tudo no valor de 1:000$00, não tornando mais a aparecer.

CAMBIOS

DIA 11

	Comprador	Vendedor
Londres, cheques	2 13|32	2 26|64
» 90 dias	—	—
Paris	1$420	1$435
Berlim	9	1 1|4
Holanda	8$390	8$490
Madrid	3$270	3$300
Bruxelas	1$230	1$240
Roma	1$064	1 074
Suiça	3$915	3$955
Suecia	—	—
Noruega	—	—
Dinamarca	—	—
Nova-York	21$400	21$700
Brasil	2$300	2$330
Rio Londres	5 17|32	—
Libra esterlina	100$000	105$000
Agio do ouro	2$100	2$200